

**A RESPEITO DE SAGRADO. SAGRADO COMO APARÊNCIA:
SUPERFÍCIE, JOGADO, À TOA**

[ÜBER DAS HEILIGE]

Gilvan Fogel
gilvanfogel@gmail.com

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Católica de Petrópolis (1971), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1975) e doutorado em Filosofia - Karl-Ruprecht Universität Heidelberg, com a tese "Nietzsches Gedanke der Überwindung der Metaphysik (O pensamento nietzschiano da superação da metafísica) 1980. Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, membro do Conselho editorial da coleção Pensamento Humano, - Editora Vozes. Trabalha com filosofia alemã contemporânea (Nietzsche e Heidegger, principalmente; fenomenologia, de modo geral). Concentra também seu trabalho na articulação/relação entre filosofia e literatura. A partir daí, ocupa-se com questões de arte e pensamento.

DOI: [10.25244/tf.v14i1.3530](https://doi.org/10.25244/tf.v14i1.3530)

Recebido em: 03 de dezembro de 2020. Aprovado em: 13 de dezembro de 2020

Caicó, ano 14, n. 1, 2021, p. 13-22
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v14i1.3530](https://doi.org/10.25244/tf.v14i1.3530)
Dossiê Sagrado e poesia no pensamento de Heidegger



Resumo: O sagrado como o acontecimento ser-aparecer — pura superfície. Extraordinário! Aparecer não é manifestar-se — aparência não é manifestação. Superfície, pura superfície, põe mistério. Mistério não tapa, não obstrui, escondendo e adiando infinitamente. Mistério encerra retração, recuo, sim, mas ele mostra à medida que se retrai e graças ao retrair-se — mostra/revela o escuro como escuro, o não ver como não ver, o não saber como não saber, o não poder como não poder, a ausência como ausência, enfim, o sem fundo (o abissal) como sem fundo (o abissal). A presença da ausência como ausência. A superfície do abismo. Acolhendo mistério, o sagrado, impera finitude como o registro e a regência da e na vida — finitude como a casa do homem. A Terra.

Palavras-chave: Sagrado. Ser. Aparecer.

Zusammenfassung: Das Heilige als Sein-Schein. Reine Oberfläche. Ausseordentlich! Schein ist keine Erscheinung. Sein-Schein — dann giebt es sich das Geheimnis. Geheimnis ist kein unendliches Verdecken, keine Verstopfung. Im Gegenteil, es zieht sich zurück, ja — aber es zeigt indem es sich zurückzieht und weil es sich zurückzieht. Dann zeigt es das Dunkel als das Dunkel, das Nicht-Sehen als das Nicht-Sehen, das Nicht-Wissen als das Nicht-Wissen, das Nicht-Können als das Nicht-Können, die Abwesenheit als die Abwesenheit — kurz, das Grundlose (den Abgrund) als das Grundlose (den Abgrund). Das Geheimnis bejahend, walten die Endlichkeit und die Grundlosigkeit als die Regentschaft des Lebens — Endlichkeit und Grundlosigkeit als das Haus des Menschen. Die Erde.

Stichworten: Heilige. Sein. Schein.

1. O sagrado é a celebração do mistério. E: “Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo”¹.

Sagrado? Mistério? “Tudo está cheio de deuses”. Pela doxografia, estas são palavras de Tales de Mileto e, então, forjadas na pia batismal da filosofia. Mas, afinal, que diabo é isso — deus, deuses?! Como?! Nosso espírito iluminista, faustiano e esclarecido, vê esta conversa não só com desdém, mas com declarado desprezo frente ao atraso e ao obscurantismo. Coisa obsoleta e caduca. Também sentimental e melosa. Não é *coisa séria*. Bem à Simão Bacamarte, “abotoado de circunspeção até o pescoço”, proclama-se: “a ciência é séria”. Isso pinçando lá n’O *Alienista*, de Machado de Assis, o *Bruxo*. Deuses, mistério, sagrado — isso já era! Os tempos são outros. Desde há muito mandam as luzes. “O recuo, a fuga dos deuses” — também disso já se falou e não passa de saudosismo e de sentimentalismo beatos. Nostalgia, saudosismo, sentimentalismo, beataria — trevas. *Coisa* obsoleta e caduca. Obscurantismo. “A ciência é séria”.

2. No entanto, vamos levar um pouco a sério essa coisa não séria e tentar abrir uma brecha nessa noite de sol de meio dia. Acender uma vela para iluminar este dia — ou esta noite.

A *tese* é velha. Tão velha quanto a própria filosofia: ser é aparecer. “Ser é aparecer”, “ser-aparecer”. Isso não parece tema que reclame maiores explicações, explanações. Parece simples. E é. Mesmo muito simples. Até o mais simples. Mas o problema é que o simples é difícil, muito difícil de ser visto, compreendido. Costuma-se ver o simples com os olhos do simplista e do simplório — e fica por isso. E passa-se adiante. O calo cresce, enrijece, e junto vão crescendo e enrijecendo o embotamento e o não ver.

Em geral, por força do hábito, costuma-se entender, melhor, subentender aparecer e aparência como manifestação. Emissão. Ou mesmo aparência como engano — parece, mas não é. Isso, sob um certo aspecto, procede, mas vai-se tomar outro rumo. Manifestar-se não é aparecer, no sentido presente na fala “ser é aparecer” — “ser-aparecer”. Nietzsche escreveu: “Há palavras fatais e fatídicas (‘verhängnisvolle Worte’), que parecem expressar um conhecimento, mas, na verdade, *impedem* um tal conhecimento. Assim é com a palavra *manifestações* (‘Erscheinungen’)”². Na verdade, a palavra manifestação provoca uma “confusão”, uma “trapalhada” (“*Wirrsal*”) entre filósofos, continua dizendo a passagem citada. Por quê? Como? Manifestação impede, obstaculiza um conhecimento porque, em geral, traz a suposição que *atrás* do que aparece, subjacente ao que se mostra, há um substrato, um *sujeito*, um *algo* (= *ser*), que não aparece, que não se mostra, mas que permanece escondido — sub-entendido e sub-posto. A vigência do *calo* manifestação, emissão, impede que se veja superfície, *pura* superfície, *só* superfície. É difícil ver aparecer, *só* aparecer. Expliquemos. Malhemos um pouco esse ferro frio.

Para tanto, vejamos a compreensão desde a qual se põe, se propõe a fala “ser é aparecer”. Primeiro, não cabe entender ser como uma *coisa*, um *algo*. Não é uma entidade ou uma ocorrência, seja *material* (natureza, matéria), seja *espiritual* (Deus, energia, espírito), que subjaz, *atrás*, como dado, como fundo de sustentação, como fundamento, assim (sub)entendido e (sub)posto, a saber, como *um algo atrás*. Não sendo *coisa e atrás*, ser precisa ser compreendido, *visto, sempre*, como um *modo* (de ser, de viver, de existir), isto é, uma *maneira* (de ser, de viver, de existir), mesmo um *jeito* (de ser, de viver, de existir) que é, que se faz *medida*. Isso e assim constitui *sentido* (*de ser, de viver, de existir*), ou seja, perfaz uma direção, uma condução, que se *sente, que se vai sentindo*, e assim se fazendo medida, condução e orientação, na dinâmica do movimento do viver, do existir, de vir a ser, de tornar-se ou de auto-expor-se de vida, de existência — pois vida, existência é dinâmica

¹ Cf. Rosa, J. G., *O Espelho*, em *Primeiras estórias*, José Olympio Editora, Rio, 1981, p. 61.

² Cf. Nietzsche, F., KGW VII-3, 40[52], p. 386, s. 8

de *auto-exposição*. Tal condução e auto-exposição *só* se dá, *só* acontece, ou seja, irrompe, salta, como *verbo* (= ação, atividade) — como *um* verbo. Portanto, assim, *sentindo-se*, é que este modo de ser se faz sentido, condução — um *ducto*. Condução e orientação — oriente, nascente. E assim uma *pontuação*, uma *medida*. Gênese, geração. Sempre singularizado, *in concreto* — concretizado ou em *concreção*, em *con-crescimento*, *concrecência*. Não se trata, pois, de ser e (+) aparecer. Esta é uma duplicação, justamente a cochilada ou a vesgueada que impede uma visão, um “conhecimento” radical, essencial, quer dizer, de, desde *raiz* ou de real gênese de fenômeno, do aparecer e mostrar-se. Trata-se de: ser-aparecer — *como um único e mesmo ato, como um único e mesmo acontecimento*. Por exemplo, andar, pintar, pescar, escrever, navegar, guerrear. Andar, pintar, pescar, etc, não são manifestações, emanações de ser ou de um ser (material ou espiritual, o sujeito eu, autor ou (sub)portador desta vontade, desta propriedade, p.ex.) subsistente, mas a cada vez tenho ser-andar, ser-pescar, ser-pintar, ser-navegar, como possibilidade-necessidade do viver, do existir (de ser em um ou desde um sentido de ser), a partir de cuja ação-atividade um eu, por exemplo, vai se cunhar, enquanto e como uma identidade, um próprio — um (*estê*) escultor *como* escultor, um (*este*) pintor *como* pintor, um (*este*) escritor *como* escritor, um (*este*) navegador *como* navegador, um (*este*) desportista *como* desportista. É assim que ser se faz o verbo dos verbos, quer dizer, o verbo que *fala* (diz, mostra, faz ver ou torna visível) em todo e qualquer verbo. Não há ser (ou viver, ou existir) em si. Ser é sempre aparecer (realizar-se, concretizar-se) nisso ou naquilo, *como* isso ou *como* aquilo, *neste, como* este ou *como* aquele verbo, isto é, modo de viver, de existir, do viver ou do existir fazer-se, acontecer, vir à luz — irromper e, assim, fazer-se visível. *Auto-ex-posição* é o movimento próprio, *elementar* de vida, de existência — de ser ou de *sentido* de ser. Andar, navegar, pescar, pintar, escrever, etc, são variações, diferenciações ou alterações de ser — do *sentido* de ser. E ser, que diz ser no sentido ou na determinação de ser (de *viver, existir*), *só* se dá, *só* pode se dar ou acontecer, a cada vez, em cada e como cada verbo possível no viver, no existir. Sempre singularizado, *facticamente* e mesmo *factualmente*. Ser (= viver ou existir *neste* ou *neste outro* verbo ou *modo de ser*), que é sempre ser sentido de ser, é o mesmo que em si e por si mesmo se diferencia, se altera — se *outra*. Quando algo se dá, acontece, um sentido (força, *verbo*) sempre já aconteceu, sempre já se pôs, se inter-pôs, a saber, *um verbo*, enquanto e como a variação, a modulação *ser*, já aconteceu, deu-se. *Só* assim, *só* por isso ou *graças a isso* realidade há, dá-se, faz-se, acontece. É tal *sentido*, e *só tal sentido*, que acontece, que irrompe — só isso e assim faz ou se torna visível. Sim, ele (o sentido, o verbo) e *só* ele, que é aparecer, faz, torna visível, *isto é, realiza*.

Assim sendo, não há nada atrás, nada permanece atrás, sub-entendido, escondido, e que *não* se mostra, e que *não* se manifesta. Não. Ser não é uma fonte (*coisa*, lá atrás), uma origem (idem), talvez fixada numa data, um manancial (ibidem), do qual (a)fluem, o qual produz (causa) emanações, exalações — enfim, manifestações. Não. Ser, em toda e em cada singularização ou modo possível de ser (como *verbo* no e do existir, viver), sempre dá-se *todo e em um só ato*, mostra-se *todo e em um só acontecimento*, no acontecer, como acontecer; na singularização, como singularização. Sim, em um e *só* como um e mesmo *ato, acontecimento*. Realidade é sempre superfície. Só superfície. Assim se dá, claro, para quem tem olhos de ver. Há um recuo, uma retração ou *velamento*, pois, desconcertantemente, a abertura só se dá *fechada*. Ek-sistência é in-sistência, formulou Heidegger. Ou, o que é a mesma coisa: possibilidade só há e só se dá *realizada*, quer dizer, concretizada, singularizada — *já* *puramente*, em si e por si só. Enfim, o que recua, o que se nega, por princípio e constituição — também isso e assim *precisa* ser visto, entrevisto, sentido na e como superfície. Porque abertura só há, só se dá *fechada*, retração, recuo (*velamento*), sempre se dá (*já* se deu), sempre acontece (*já* aconteceu), mas sobre a mesma linha — um limiar. A linha, o limiar ser-aparecer, o qual perfaz o viver, o existir.

Melhor formulando: abertura (que é *força*, dimensão, interesse, possibilidade de ser) *não* *pode não ser, isto é, aparecer*. O que se vê, ao ver-se, ao se fazer visível ou revelar-se, é a própria

abertura (força, interesse, horizonte, dimensão, possibilidade de ser) no, como e do *único modo* que ela é, que ela *pode ser*, a saber, aparecer, aparecendo — concretizando-se, singularizando-se. Ver, *realmente ver*, portanto, é (co)ver este limiar, esta superfície em co-pertinência, em consanguinidade com o que aparece e tal como aparece. Há que ter, há que *ser* olhos *educados*, olhar *apurado*. É, sim, uma *ascese*. A filosofia é esta ascese, este *exercício*. O pensamento precisa ser esta ascese, este exercício. Não se pode querer ou colocar ser (força, horizonte, dimensão, interesse, *sentido de ser*) tal como ele *em absoluto não pode ser*, isto é, *atrás, separado*, como substrato da manifestação de um *algo* (ele mesmo) que não se mostra, que não se deixa ver-aparecer, enfim, como *algo* que, ele mesmo, não aparece, não se mostra. Tal procedimento instaura erro. Mas isso, ainda, ao lado de ser erro, é arrogância, presunção, *hybris*, pois quer o impossível. Por outro lado, é ingratidão, pois revela um não poder receber, sem perguntar por quê e para quê do dom, do presente — da irrupção, do salto. *Coisa* de “bípede ingrato”, diria, diz Dostoiévski. Ingrato e revoltado. O *atrás*, a *base*, o *lastro substancial*, querer e buscar isso — isso é cochilo, descuido, incúria. Como disse Nietzsche, é o *afrouxamento do arco* e o início da *história de um erro*. Não se pode querer ou atribuir a ser (à dimensão, ao horizonte, ao interesse, ao sentido de ser) o que ele, *em absoluto*, não pode ser, a saber, *aparecer* e assim e *só assim* mostrar-se, fazer-se visível. Ele se faz visível *no recuo*, *como recuo*; *na* retração, *como* retração. Há que ter olhos para ver isso e assim: na mesma linha, a retração *como* retração, a ausência *como* ausência. Há que ter olhos para ver não-ver; olhos para não *poder e não querer* ver não-ver — na mesma linha, no e como o mesmo ato. Limiar. Superfície. Sim, ver-se-á, *mistério*.

Entendendo fenômeno como tal modo de aparecer, de mostrar-se, Heidegger disse que “atrás do fenômeno da fenomenologia não há nada” (Cf. *Ser e Tempo*, § 7, C). A fenomenologia repete, retoma, a experiência ser-aparecer (= fenômeno) *in statu nascendi*. É este ainda o sentido contido na fala de ser ser verbo (e não conectivo, cópula — o *é* como elemento de ligação no esquema S é P), o verbo dos verbos, o que deixa de ser visto na vigência do esquecimento de ser. Assim e por isso, vendo, melhor, *não* vendo ou não se dando conta de um tal escamotear-se, de uma tal dissimulação, Nietzsche disse que “a metafísica é o resultado da fé na gramática”, isto é, a *fé* nesse esquema, a *fixação* nessa estrutura (S é P) ou neste *leito de Procusto* da gramática — da linguagem. É na vigência, na voga do esquecimento de ser, que ser torna-se cópula, elemento de ligação *entre* sujeito (causa, fundamento, substância) e (+) predicado (realização, concretização, aparência/manifestação). Está feita a duplicação e a obstrução da *visão* ou o encobrimento de fenômeno, *enquanto e como fenômeno*, da *aparência*, do aparecer como a única realidade das coisas — súbita, i-mediata. Esquecimento de ser *ou* niilismo europeu. A morte do sagrado. O recuo, a fuga dos deuses... Deuses?! Sagrado?!

3. Na *visão* ser-aparecer, na compreensão “atrás do fenômeno (da fenomenologia) não há nada” — aí e assim se faz mistério. Aí e assim mora o sagrado, o *divino*. E também o perigo, pois *isso*, tal estrutura ou modo de ser, tende a se escamotear, a se dissimular e, assim, se perde, assim não mais se dá conta do próprio escamotear-se, da própria dissimulação, passando então a viger, a imperar o *atrás*, o *separado* — a substância, o sujeito. O aparecer, a aparência nela mesma e como tal, fuge. Foge, se extravia e se consolida no extravio. Triunfa e domina como extravio. A fuga dos deuses...

“Reporto-me ao transcendente. Tudo é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles...” Como? Quando algo se dá, aparece ou acontece, um *sentido sempre já se interpôs — sempre já aconteceu ou saltou*³. *Precisa* sempre já ter acontecido, saltado. E só por isso ou *graças a isso* há, dá-se, faz-se real. É este sentido (*lógos, sentido de ser*, força, dimensão, interesse, horizonte,

³ Cf. Nietzsche, F., KGW, VIII-1, S. 138 ou *A Vontade de Poder*, Contraponto, Rio de Janeiro, 2008, nr. 556, p. 290, trad. Marcos S. P. Fernandes e Francisco J. D. de Moraes.

mundo), sempre já irrompido, saltado, que mostra, que revela, que faz ou torna visível — isto é, que *realiza*. Tal sentido, que irrompe e se dá como afeto — *ele* se nos *apropria* — nós não o temos, não o produzimos, causamos ou *projetamos*. Não somos *donos* dele, mas, ao contrário, é ele que, à medida que nos toma e se nos apropria, nos tem — ele se nos *adona*. Mais: também e inclusive nós, cada um, na e como ação, atividade, somos, acontecemos nele, a partir dele, graças a ele. “Que cada uno es hijo de sus obras”, proclama sempre o Quixote.

O *atrás*, o que *não se manifesta*, continua sendo a *coisa em si*. E querer algo, uma *coisa em si*, é querer o impossível (presunção, pois, e ainda desvio, erro), uma vez que quer algo fora de toda e qualquer condição de possibilidade para que algo seja, *possa ser* algo, *a saber*, (*fora de*) a *relação*. Relação não é referência, *cruzamento e entrecruzamento* de termos pré-fixados, malabarismo de polos pré- e pro-postos — contorcionismo dialético de *relata fixos, previamente* coisi-ficados. Na relação o que faz com que um seja para o outro e o outro para o um é a própria relação (i. é, a abertura, a *possibilidade* como tal) que sempre já se deu, que sempre já se abriu e se fez — para que um *possa ser* para o outro e o outro para o um. Relação, antes de ser referência entre termos ou polos, é *tensão*. Na tensão convive luta, *pólemos*, a *harmonia dos contrários*. Harmonia é tensão — luta. Harmonia dos contrários — contrários *já instaurados, inaugurados, abertos* pelo sentido, pela abertura, *isto é, a própria relação*. Postos na e pela tensão. Já instaurados e *juntados, amarrados* na tensão, pela tensão. Para *ver*, para *pegar* tal abertura, tal *inter-esse*, que é *tensão*, nela(e) mesma(o) e como ela(e) mesma(o) — para tal, chego sempre atrasado, pois ela(e) sempre *já se deu*, sempre *já aconteceu* — irrompeu, saltou, fez-se. E, em saltando e se fazendo, porque se fazendo, já se dissimulou, se velou, como tal. Com *os olhos da cara* só vejo a concretização, a aparência, melhor, o aparecido, irrompido, saltado. Aparência sempre já se fez, aconteceu. Superficializou-se, *já*. Para o começo, que é o súbito, o *raio*, no élan de apreendê-lo desde fora, representá-lo, chego sempre atrasado, pois ele sempre já se deu — cedo demais!⁴ Só o vesgo, tudo embaçando e duplicando, vê, *quer* termos, polos, *relata*. Só o ingrato, o rebelde, vê o *antes*, quer o *atrás*, *precisa* da razão de ser, da causa, isto é, o sujeito — o autor, o responsável, o *quem das coisas!* Real, todo e qualquer, é súbito, i-mediato. Sempre já aconteceu, sempre já se deu. Sem porquê, sem para quê. Sem de onde, sem para onde. Pura doação, pura gratuidade. O puro abisso. Puro, pura, quer dizer: só, tão só. Sem *precisar* de mais nada. Causa? Razão de, para ser?! Autoria?! Pura ingratidão, pura rebeldia — só ingratidão, tão só rebeldia. Puerilidade. “L’homme révolté”, “bípede ingrato”. Aqui, agora, rebeldia, revolta, é insurreição contra *destino*, contra *necessidade de ser*. Viver, existir, é ser no e como limite (finito), na e como finitude No cumprir-se de finitude, a condição humana, está, vige o imperativo, melhor, a necessidade ser-aparecer. Também liberdade cresce e se faz por aí e assim

4. “Tudo está cheio de deuses”. “Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério...” Uma abertura, um horizonte, um interesse — cada um e cada qual perfaz um deus, uma divindade. E cada qual circunscreve, define um *mundo*. Aí e assim e politeísmo grego — a pluralidade, a multiplicidade, o riso, a alegria no e do Olimpo. Muitos deuses, isto é, muitos *mundos*, muitas realidades ou reais possíveis. “Já quase dois mil anos e sequer um único novo deus”, lamenta Nietzsche e acusa o “monótono-teísmo cristão”⁵ ... Nenhum outro horizonte, perspectiva, dimensão, *mundo*. Apatia, monotonia — uniformidade, unidimensionalidade. Falta jovialidade, alegria.

Um *deus*, um horizonte (abertura, *modo ou sentido de ser, mundo*), salta, irrompe, e assim *vem, sobrevém* — toma. *Porque* sobrevém, salta, irrompe, e toma — assim e por isso, sempre, se determina como experiência, *páthos*. Desse modo, um deus nomeia ou define a *experiência própria a (de) uma abertura, a (de) um horizonte*. Define, pois, um horizonte, um *mundo*. Tudo que aparece, tudo

⁴ Cf. Heráclito, frag. 64.

⁵ Cf. Nietzsche, F., *O Anticristo*, nr. 19.

que se dá no, desde este mundo (e o que quer que seja *só pode* ser desde *um* mundo, desde *uma* abertura, um horizonte ou um sentido de ser-aparecer já interposto, já acontecido ou irrompido) é regido por este *deus*. Por *esta transcendência* ou por *este modo* como transcendência se faz, se dá, acontece. Sim: “Tudo está cheio de deuses”, “reporto-me ao transcendente. Tudo é a ponta de um mistério”. Deuses, um deus?! Mistério? Um deus (abertura, *sentido*, horizonte, *interesse*, *mundo*) mostra, ilumina, torna visível. *Dá a ver*. Realiza. É acontecimento de transcendência, pois modo de ser que sobrevém e, assim, se põe e se impõe. Deus, todo deus, cada deus, é acontecimento de transcendência. O politeísmo é a pluri- ou multiformidade de *mundos*, quer dizer, de realidades possíveis. De novo: são muitos deuses, muitos *mundos*, muitos reais possíveis. *Forma* diz *gênese ontológica* — e não *fôrma*, *formato*, *bitola*. Multi-, pluri-formidade, quer dizer, diferentes *gêneses ontológicas*, gerações de ser-aparecer. Cada um e todos os possíveis é (são) transcendência (saltos, doações) em si e por si se realizando — *se diferenciando*. Transcendência, tal como *lógos* — e *lógos* é transcendência — é o um que em si, por si e desde si se diferencia. Festa no céu! Não, no Olimpo — *a Terra*. Alegria. Aí e assim o riso olímpico — *terreno*.

Deus, divino — abertura, horizonte, se faz, pois, como transcendência. Transcendência é o que ultrapassa, sobrepassa — sobra, transborda. Mas não é um *algo*, uma *coisa* (*Deus*, natureza, espírito, matéria, energia). Transcendência não se refere a nenhum *algo*, a nenhuma *coisa fora*, além (ou aquém) de vida, de existência, em algum outro *plano* ou estrato superior ou inferior — além ou aquém, acima ou abaixo, *céu* a conquistar ou paraíso perdido. Transcendente fala do que, no e *só* no âmbito da vida, na e *só* na circunscrição-existência, *o absoluto*, ultrapassa o homem, no sentido que transcende ou sobre(ultra)-passa seu poder de decisão, de deliberação. Sua *vontade*, seu *arbítrio* — o chamado *livre arbítrio*. Este poder que ultrapassa, que *transcende*, enquanto e como transcendência, rege. Impera. Manda. Mesmo comanda. Mandar é dar direção, é definir ação, modo e rumo de atividade — dinâmica de realização. Mandar é o modo próprio de sentido fazer-se sentido — orientação, condução. Todo autêntico mando vem, se faz desde e como escuta. Escuta e obediência. Para aquele, para o qual, ouvindo, segue, obedece, e, obedecendo e seguindo, libera-se a abertura, liberta-se o sentido — para este abre-se e impõe-se o cumprir-se da própria liberdade. E assim cunha-se a (*uma*) liberdade, que é o fazer-se de sentido, de abertura, isto é, o acontecer e fazer-se do livre-aberto *para*. Liberdade, ainda e sobretudo, porque este é o modo como um próprio, uma identidade se faz, se cumpre, se libera ou se liberta, uma vez que assim se faz o *mandamento* pindárico “vem a ser, desde uma experiência (abertura, possibilidade de ser, *sentido*, *divindade*) o que tu és”. O mando que é arbítrio, decisão de vontade própria, não mais se faz desde a autoridade de transcendência, mas desde o autoritarismo, o *arbítrio* e o arbitrário do próprio querer, da própria vontade *inchada*, *presumida* e *presunçosa* — isso já é voluntarismo pueril, rebeldia e prepotência. Vaidade. Veleidade. Orgulho. *Hybris*. Sanha. Juventude *demais*, *tarde demais*... Tarde demais, tornou-se *jovem* demais... Mas isso já é o caduco. Bobo. Sem *medida* — sem a medida (o *sentido*) e o *peso* do que rege, do que, como o raio (salto, súbito, i-mediato), dirige, *manda*. Transcendência. Sim, “reporto-me ao transcendente” ... “Tudo é cheio de deuses”.

5. A linha ser-aparecer, o lugar e a hora da aparição de um deus, *o salto*, perfaz mistério. Mistério porque esta linha, este limiar, é a instância da copertinência, da consanguinidade do raso e do profundo: ser-aparecer. Aí e assim superfície. Limiar. Ver superfície é poder ver esta linha *como* esta linha; este limiar *como* este limiar. Na impossibilidade, no obscurecimento ou no apagamento de tal *visão* não se faz nem raso e nem profundo. Portanto, sobretudo e sequer superfície, mas apatia, indiferença. Lassidão, *mornidão*. E: ai dos mornos! O mistério é a linha, o limiar, a superfície — enquanto e como tensão. Mistério não é o mais e mais e mais fundo. Não é o adiar-se indefinida e interminavelmente do fundo para o infinito pro-fundo. O mistério não alimenta a ou uma busca infinita. Isso é reivindicação de alma (ou de *desalma*), de espírito (ou de *desespírito*) faustiano. Mais do que reivindicação, é aspiração, é desejo. Desejo que, em desmedida

escalada, cresce, cresce, e se torna cobiça. Cobiça de luz, luz — mais luz, mais luz! A concupiscência do olhar — do *olho*. Um *pecado capital* — orgulho, sanha, *hybris*.

Não. Mistério não esconde. Mistério mostra, revela. Mistério mostra o invisível (fundo) *como* tal invisível (fundo); a sombra *como* sombra; o não-ver *como* não-ver; o não-poder *como* não-poder. Mistério é e traz a alegria desta superfície — desta tensão. Mistério dá este não-ver, este não-poder e, junto, alegria, satisfação, saciedade. Suficiência. Sem afã. Sem cobiça. Sobretudo, sem sentimento de deficiência, carência, falta — *culpa, pecado*. Plenitude, satisfação, suficiência e alegria no pouco *como* pouco, no pobre *como* pobre. Sereno, parado. O parado e a serenidade, o pleno e o *cheio* de uma *natureza morta*, de um “Stilleben”. Aí e assim *Terra* — a *Terra*, o *sentido da Terra*. Serenidade, que é a alegria na tensão da linha, da superfície. Mistério é a luz, a luminosidade e a luminescência da sombra *como* sombra, do não ver e não poder *como* não poder e não ver. A experiência de mistério, isto é, o ser tomado por tal acontecimento ou por tal modo de ser (um deus!) é a aquiescência no finito, na constitutiva finitude da vida, da existência humana — a *Terra*. Finitude, limite como a consistência da vida, da existência. O seu *cheio*, o seu *pleno*. Quer ainda e sobretudo dizer não *querer* ver, não *precisar* ver e poder o *impossível* — o fundo ou o profundo em si, o que seria como iluminar, *querer* iluminar a sombra, jogar sobre ela um foco de luz⁶ ... para vê-la, para poder vê-la! A serpente se como pela cauda. A vontade, o delírio, a loucura de “transparência pura”⁷ — isso ou aniquilação, niilismo, é o mesmo. Aí, assim e agora, “Deus está morto”. Na, desde a experiência de mistério, esta sanha foi perdida, melhor, *esquecida*, pois *desaprendida*, uma vez que finito, finitude, a *Terra*, *enquanto e como suficiência e satisfação*, fez-se, tornou-se o *elemento*. Profundo, *infinitamente* além, além — por quê?! Para quê?! Ingratidão, rebeldia. Puerilidade. A superfície, a *pele*, é muito mais divina — o sagrado. Ser *pele, casca; poder ser* pele, casca, é uma grande, isto é, essencial, radical, sabedoria. Visão, participação no, com o divino. No, com o sagrado. “É preciso aprender-se esta arte: *ter casca, pele*, bela aparência e sagaz cegueira”, lê-se no *Zaratustrá*. Isso é divino! Beleza é o brilho do jogado. Luminescência. Esplendor do gratuito. Divino. Uma “sagaz cegueira” (“*eine kluge Blindheit?*”) aquiesce, diz *sim*, e assim celebra, à clareza do não ver, do *não poder e não precisar e não querer ver*. A alegria, a suficiência e a satisfação na clareza do escuro.

Outro nome e, na filosofia, até o nome para este acontecimento de fundação e de *serenidade*, de *assentamento* da *alma* (*psyché*), da vida, no finito, na e como finitude: *alétheia*. Aparição súbita, revelação i-mediata, iluminação instantânea — salto. O acontecimento *olho*. Ou *ouvido*. Mas ouvido *vê*; olho *escuta*... Ouvem e escutam geração e gênese — sempre o acontecimento mistério, divino. Doação, dádiva. Este irromper, saltar, acontecer e a irrupção de, do mistério é um único e mesmo acontecimento, um único e mesmo *ato*. *Alétheia* — o acontecimento primeiro, inaugural e *elementar*, que abre, que põe e impõe, para o homem, a humanidade do homem e ... mistério. *Como* mistério. Elementar uma vez que instaura *elemento*, o elemento da vida, da existência humana — a *Terra*. Quem tem olhos de ver, ouvidos de ouvir, que veja, que ouça. Que veja este acontecimento abissal. Com alegria, que se celebre tal acontecimento. Doação, dádiva. Irrupção, salto — de nada, desde nada, para nada. Vida, existência, tudo quanto é e há como acontecimento de abismo. Doação, dádiva, de nada, para nada.

⁶ Mistério não é enigma. O enigma é *coisa* (mensagem, fala, escrito, linguagem) cifrada, codificada. Se se descobre a *chave*, o código, e em se decifrando ou decodificando, tudo fica claro, límpido, *vira* clareza meridiana. Isso não acontece com mistério. Muita vez, pensa-se, imagina-se ou *sub-pensa-se* enigma e, no entanto, fala-se mistério. Misturam-se, confundem-se as coisas. Mistério não é enigma.

⁷ É o delírio, a loucura de Hegel, ao final de “*A Ciência da Lógica*”. Cf. *Wissenschaft der Logik*, B. II, terceira seção, *Die Idee*, em especial o capítulo III, *Die absolute Idee*, p. 483/506 (o escuro, a restituição *dialética* do escuro, da noite, do não-saber — isso é *inteligência, intelecto, lógica*), Felix Meiner, Hamburg, Ed. Lasson.

⁸ Cf. Nietzsche, F., *Assim flava Zaratustra*, III, *Do espírito de gravidade*.

Milagre? Milagre é acontecer quando não há nenhuma razão, fundo, fundamento, causa *para* acontecer, dar-se. Sim, até quando nada acontece há um milagre se dando, acontecendo — o abissal, o gratuito, sempre. Sempre *já* aconteceu... Isto é, sem fundo, sem porquê, sem para quê. Sem de onde, sem para onde. Pura irrupção — desde nada, para nada. Sobre, transbordamento, superabundância. Doação, dádiva. Isso e assim é o dar-se e acontecer de transcendência. E: satisfação, suficiência, saciedade — gratidão, alegria. Sim, “a alegria é o vau do mundo”. Festa do e no finito, alegria de, da e na finitude — limite, pobreza, como o suficiente. Absolutamente o bastante. Vida *assentada*, como que o sem elemento do elemento de uma vida serenada, assentada, de uma *natureza morta* — de um “Stilleben”. “Still” é parado, largado e assentado em suficiência e mansidão neste parado; “Leben” é vida — daí um “Stilleben”. Esta, sim, a aura da vida, da existência. Gratuito, sem porquê, sem razão, sem causa — na evidência da insuficiência e da *ingratidão* do princípio de razão suficiente. Isso, sim, aí e assim, o divino, o sagrado. Sem razão, sem porque, sem de onde, sem para onde — isso e assim é divino, *muito mais* divino. O *só* divino. O inútil, *só* o inútil é divino, *absolutamente* divino. Suficiência e satisfação. Saciedade. Alegria. Gratidão. “De nada, de nada!”, “por nada, por nada!”, responde o abismo.

6. O sagrado é a celebração do mistério. Celebração não é *badalação*, mas só, tão só acolhimento, aquiescência — *sim*. Serena, silenciosa e contidamente — sem enlevos, eflúvios, arroubos, levitações, derramamentos melosos e hipócritas. Sem tartufice. *Sim* ao sem fundo, ao sem porquê, sem causa, sem razão — *sem querer, jogado, à toa*. Sem para quê. *Sim* à pura gratuidade. De nada, por nada, para nada. Transcendência é *nada*, a força, o poder de nada. *Nada* é transcendência. Sem razão, sem porquê, sem para quê, sem de onde, sem para onde — *pura gratuidade*. Isso é divino — *muito mais divino*. Todo o divino. O *só* divino. Inutilmente, à toa. *Amém*.

7. Enfim, por fim — teologia? É ciência, *lógica* do sagrado. Deísmo. Escavação do fundo do fundo do fundo; do mais fundo, mais fundo, do infinitamente pro-fundo. Aí e assim a busca da causa da causa da causa — até, no cansaço, a *causa prima* e mesmo a *causa sui*. Barulho, barulhada. Falatório. *Dialética*. Calúnia, insulto. “Écrasez l’infamme”! “Pensamentos que dirigem o mundo vem com pés, com passos de pombo... Barulho, barulhada, mata pensamentos”. Teologia, ciência, lógica do sagrado?! “Deus” — provas da existência de Deus?! “Causa sui”, “causa prima”, “quinque viae”? “Argumento ontológico”? Ahahahah! Aaahaahaahaaa!! Só rindo. Rindo muito. Cortando vísceras, o riso mata. E retifica, corrige. Repõe no rumo. É preciso. A fé na, a beatice da razão, a devoção ao *cálculo* — a morte do sagrado. A fuga dos deuses. *Coisa* de bípede ingrato, de *l’homme révolté* — ingratidão e revolta. É, é verdade: “Antes, dez vezes ateu do que uma única vez jesuíta”. Inteligência, intelecto. Vida *morna*. E: ai dos mornos! *Coisa* de eunuco. Desse mato não sai coelho... A fuga dos deuses, a aniquilação do sagrado coincide com a transformação do espírito em intelecto, em *só intelecto, inteligência* — “causa prima”, “causa sui” ... Cálculo. Controle, asseguramento — auto-asseguramento. “A meia ciência”, chamou Dostoievski, com grande desdenho, com grande desprezo. *Coisa* de fraco, de eunuco... Medo do gratuito, do *de graça*, ao léu, *à toa*. Do *sem querer* — doação, dádiva. Medo do sem sentido — só isso e assim dando-se, sem nada além ou aquém, *fora*, fazendo-se como *todo* o sentido. O divino, o sagrado é o *à toa*, o *de graça*, o sem porquê. Por nada, para nada. Isso, sim, é divino, *muito mais divino*. Dom, dádiva, transbordamento, superabundância — de nada, para nada. Obrigado, muito obrigado!

“É pensável, imaginável, um movimento sem direção, sem trajetória? ... impera no interior do movimento o acaso, quer dizer, a mais cega arbitrariedade? ... A resposta é difícil.

Heráclito diria: *um jogo*”, lê-se no jovem, muito jovem Nietzsche⁹. Jogo — ou o voo *quebrado* da borboleta... ou a *trajetória* da pipa *vuada*... Isso é divino. Que leveza!

Teologia? Ciência, lógica do sagrado?! Razão, *ratio*, causa — *prima, sui* — silogismo, *proto-causa* (*proto-coisa*, “*Ur-sache*”)... Este é o (*D*)*deus*, o sagrado da, para a *inteligência* — e para a teologia, que *inteligência* é. Filosofia, isto é, metafísica — vigência, voga, sobretudo, dos escaninhos identidade, não contradição, razão suficiente. Enfim, *lógica*. “*Écrasez l’infamme*!” “A este Deus o homem não pode nem rezar, nem nada oferecer, sacrificar. Diante da *causa sui*, não pode o homem nem prostrar-se, cair de joelhos em temor de reverência, nem pode, diante desse Deus, tocar, cantar e dançar. O pensamento sem-deus (“*das gott-lose Denken*”), que precisa abandonar deus como *causa sui*, está muito mais próximo da divindade, do deus divino (“*dem göttlichen Gott*”)”¹⁰. É verdade — sim, Dostoiévski: “antes, dez vezes ateu do que uma única vez jesuíta”. Diante do *Deus* da lógica, do intelecto, da *reta ratio* (*causa prima, causa sui*), do *cálculo* — frente a *isso* só cabe, *com o berro na cara*, imobilizado, paralisado, estupefato, se *render*! “Perdeu, Playboy!”... Sim, lógica como argumento final — *coisa* de bandido, de marginal, de ladrão ... de *fraco*! Ladrão, pois rouba no jogo... “*Écrasez l’infamme*!” “A megera cartesiana”, também já disseram.

Petrópolis, nov. 2020

⁹ Cf. Nietzsche, F., *A filosofia na época trágica dos gregos*, Anaxágoras, § 16, em KGW, III-2, De Gruyter, Berlin, 1973, S. 358.

¹⁰ Cf. Heidegger, M., *A constituição onto-teo-lógica da metafísica*, *Os Pensadores*, Abril Cultural, Vol. XLV, São Paulo, 1973, pág. 399, trad. E. Stein. Ou Heidegger, M., *Die onto-theo-logische Verfassung der Metaphysik*, in *Identität und Differenz*, Neske, Tübingen, 1976, S. 64.